

## Entrevista com Wilson do Nascimento Barbosa

---

302

A segunda entrevista desta edição nº 3 da **Revista Fim do Mundo** é com o Historiador e economista, professor da USP, Dr. Wilson do Nascimento Barbosa. Wilson nasceu em 1941, no Rio de Janeiro, e formou-se em História pela antiga Universidade do Brasil. Depois de morar no Chile, vai para a Suécia, onde se graduou em Economia e Estatística pela Universidade de Lund; lá também obteve seu doutorado em História Econômica, com a tese *Brazil: an overview of the Brazilian Economy, 1940-1980*, sob orientação de Lennart Jörberg. Um resumo da tese foi traduzido para o português sob o título de “Crescimento Econômico e Políticas do Governo: Brasil, 1940-1980”.

Com a redemocratização, Barbosa voltou ao Brasil, depois de ter estado no Chile, Suécia e Moçambique, onde trabalhou como economista no Ministério dos Transportes do governo socialista da FRELIMO. Em 1988, foi aprovado no Concurso para a disciplina de História Moderna do Departamento de História da FFLCH-USP, onde aposentou-se em 2011. Neste departamento, defendeu tese de livre-docência intitulada “A Crisálida: Aspectos Histórico-Econômicos do fim da Escravidão no Brasil, 1850-1888”. Em 2006, tornou-se professor Titular de História Econômica.

Wilson concedeu esta entrevista por e-mail em 17 de setembro de 2020 a Paulo Alves de Lima Filho, pesquisador e coordenador do IBEC e camarada de Wilson de longa data, como segue:

Quando em 1979 o conheci em Maputo, em casa de amigos brasileiros, aos 38 anos, ele era um alegre gigante yorubá brasileiro, feliz por estar com seus conterrâneos camaradas, vivendo e trabalhando na terra da revolução anticolonial que se proclamava socialista. Com sua mulher e seus filhos, confraternizávamos com motivo do qual agora não me lembro. Talvez fosse a revolução de outubro, ainda comemorada ali e na URSS, que logo mais se desfaria. Tão forte que ao dar-lhe um abraço carinhoso em Pedro Chaves, amigo e camarada brasileiro, provocou-lhe um sufocamento que o fez perder a consciência, desmoronar-se no chão para espanto de todos. Contam-se histórias sobre sua admirável força física ao escapar dos policiais que o levavam à prisão em São Paulo.



Ali em Moçambique era um profissional formado na Suécia, merecedor de respeito. Havia vivido no Brasil de JK e Jango, estudado no ISEB de Nelson Werneck Sodré e outros tantos intelectuais do campo ideológico do poder – nacionalistas, democratas, socialistas, comunistas – militante comunista do PCB, com fortes raízes populares, sua avó mãe de santo de terreiro de candomblé no Rio de Janeiro. Um jovem intelectual revolucionário, intelectualmente bem-dotado e comprometido por toda a vida com as lutas pela emancipação política e econômica do Brasil e pelo socialismo, cuja fidelidade à luta e suas raízes marcam seus atuais 79 anos de vida.

Você já viveu várias rupturas históricas, uma mais terrível que a outra. Nos encontramos na pátria de Samora, quando vivemos, nossa tribo cooperante, a experiência de transformação social na África colonial ex-portuguesa. Como você coloca esta catástrofe da pandemia entre as demais rupturas? O que ela te fez rever do passado e que projeções para o futuro ela, a teu ver, enseja?

Parece-me que a pandemia – a que outras se seguirão, porque se está chegando nos confins do planeta – não vai mudar em nada a atitude das pessoas para algo positivo. As pessoas da geração atual (menos de 50 anos) são fracas, egoístas e hedonistas. Não foram espremidas pelo ambiente da grande guerra. Querem tudo para si e sequer enxergam o próximo. São totalmente diferentes da nossa geração, que não tolerava o

fascismo da geração anterior. Nossa geração foi nascida na segunda guerra mundial, e era intimidada por um certo padrão moral. Isso não existe mais. Estamos diante do deus dinheiro. As pessoas vão sair dessa crise pensando em si mesmas e sem comiseração para o próximo.

O pandemônio sanitário ocorre, no Brasil, (e não só) em tempo da ascensão da ultradireita ao poder. Esta catástrofe merece também uma séria explicação, não achas?

A ascensão da ultradireita é o resultado do extermínio – inclusive físico – da Esquerda e da convergência das mídias laica e religiosa. A mídia financeira é o centro do estado monopolista. Tais estados monopolistas usam suas forças armadas e polícia para matar e criminalizar os pobres (veja manifestações recentes nos



EUA). Perseguem os movimentos de protesto. As propagandas leigas e religiosas são fundamentadas cada vez mais na mentira e na calúnia, não chegando sequer a defender valores morais ou éticos. Com o fim do campo socialista, foram eliminados os direitos dos trabalhadores, que se transformaram numa massa informe. A democracia ocidental tornou-se algo sórdido (vide movimento migratório). Na periferia do capital, a "democracia" não consegue sequer ser uma caricatura, hoje em dia manipulada pela CIA. Nem no século 19 a renda era tão concentrada. O jogo político deixou de existir. Talvez volte, depois da catástrofe devastadora que se está montando...

**Como historiador, você esperava este ressurgir do poder tutelar das forças armadas?**

Não esperava que o povo trouxesse a ditadura de volta, pelo voto. No entanto, não é tão surpreendente. O comerciante que vendia vassouras aqui no bairro me disse que apoiava o Bolsonaro porque ele ia trazer de volta a tortura e a subordinação das mulheres... Num país atrasado, sem sistema

educacional de fato, submetido a uma mídia de ladrões e assassinos... Um país em que a Esquerda foi suprimida fisicamente por um aparato repressivo que continuou montado (provando que O PT não é esquerda...) praticando o racismo, massacrando pobres e pretos... Quando você fecha os olhos e raciocina um pouco, percebe que o Brasil é apenas um pesadelo e que o melhor seria viver bem longe daqui... Não há tutela das FFAA. Dizer isso é embelezar o que está ocorrendo. O que estamos vendo é o saque de um supermercado chamado Brasil. Os saqueadores pegam o que podem e levam embora. Não importa que a eles se juntou um grupo fardado. O saque nem chega a ser uma estratégia.

**Quais as perspectivas de uma revolução popular no Brasil, após a experiência de nossas duas catástrofes, sanitária e a política?**

Sem organização da classe dominada e sem teóricos políticos revolucionários não vai haver revolução alguma. A mente tem que ver o mundo de uma certa perspectiva para gerar uma ação. O que vai acontecer é que no Primeiro Mundo haverá mudanças e tais mudanças se refletirão na



situação de neocolônias como o Brasil. Talvez na próxima geração.

**Em havendo um acerto de contas teórico com o passado, quais seriam, a teu ver, as suas linhas mestras?**

Não cabe – acho – acertos de contas com a teoria. A teoria leninista era boa. Ela dizia que na época do imperialismo, a transformação está na ordem-dodia. O problema era a construção do elemento subjetivo (homens; organizações) capaz de fazer a transformação. Na América Latina, não houve esta construção do elemento subjetivo. Não fomos capazes de enfrentar e vencer os norte-americanos e sua burguesia monopolista. Como dizia Mao Tsé-Tung, raras vezes na História os movimentos justos triunfam. Nós não triunfamos. Foi só isso.

**Algumas palavras para a juventude...**

Aí vão as palavras para a juventude: No século 19, houve um grande revolucionário -entre outros- chamado Giuseppe Mazzini (1805-1872). Foi um dos criadores da organização "Jovem Itália", que deu grande trabalho à reação e gerou Garibaldi. Nessa época (1790-1850), houve uma "Internacional Liberal", onde se encontravam - pasmem!- liberais verdadeiramente revolucionários. Havia uma "Jovem Alemanha", uma "Jovem Rússia", etc. Era um movimento de jovens. Mazzini dizia que ninguém é revolucionário depois dos 30 anos. Suspeitem - dizia ele- de um revolucionário que está vivo, mas tem mais de 30 anos... Olho no disco de chegada, rapaziada... | FIM |

305

*São Paulo, setembro de 2020*

